

**ENTREVISTA**Carreira – Relações Internacionais **1****ENTRE PARÊNTESIS**Corpos em movimento **5****POIS É, POESIA**Álvares de Azevedo **7****CONTO**Comes e bebes – Artur Azevedo **4****ARTIGO**Hormônio feminino é fundamental na fertilidade masculina **6****ESPECIAL**Acampamento científico **8****MAS, MÁIS, MAIS**Ser **5****ENTREVISTA**

Nicolle Aya Konai

## Fazendo Relações Internacionais, trabalhou na OEA e na ONU

Nicolle Aya Konai entrou em 2007 no curso de Relações Internacionais da USP. Forma-se este ano e já acumula experiência profissional devido a intercâmbio e estágios que fez em outros países, os dois últimos na OEA – Organização dos Estados Americanos –, em Washington, e na ONU – Organização das Nações Unidas –, em Nova York. Aqui, seu relato sobre o curso, as possibilidades profissionais e seus planos para o futuro, que incluem mestrado no exterior.

**JC – Além da Fuvest, para Relações Internacionais, você prestou quais vestibulares?**

**Nicolle –** Prestei também Unesp e Cásper Líbero, para Jornalismo.

**Você estava em dúvida sobre a carreira?**

Sim.

**O que levou você a escolher Relações Internacionais?**

Tinha dúvidas sobre a carreira, mas optei por Relações Internacionais porque o curso chamou muito minha atenção pela grade. É um curso multidisciplinar que dá bastante liberdade para estudar diversas outras matérias. Também pensei que, em última instância, poderia fazer Relações Internacionais como plataforma para depois exercer o Jornalismo.

**No 3º ano, você fez alguma mudança na sua rotina de estudos, visando o vestibular?**

Eu mantive o que fazia antes. Continuei estudando num ritmo não muito intenso, mas constante. Talvez um pouco mais intenso nos últimos meses. Procurava equilibrar estudos e também diversão, lazer.

**Você pensou na possibilidade de não passar direto?**

Eu estava bastante confiante. No 2º ano do colegial, como treineira, tive uma colocação boa.

**Hoje, você está contente com sua escolha?**

Eu acho que foi uma boa escolha porque, além de me dar formação básica geral em Humanas, o ambiente da USP oferece muitas oportuni-

dades. Não é só ir à aula, há um leque muito grande de coisas que você pode fazer, enriquecendo sua formação. Uma vantagem do curso de Relações Internacionais, além da multidisciplinaridade, é que ele oferece muito espaço na grade para optativas livres e optativas eletivas. A metade dos créditos de Relações Internacionais é de optativas. Você pode fazer as matérias na FEA, na São Francisco, na Filosofia, onde for, direcionando o curso para a área em que tem mais interesse.

**Em que período era seu curso?**

Eu entrei no vespertino e depois mudei para o noturno. Os dois primeiros anos são no prédio da FEA. Nos dois primeiros anos as matérias, em maioria, são obrigatórias. Focam cinco áreas: Economia, Ciências Políticas, Sociologia, Direito, História. A partir do 3º ano você tem mais liberdade para montar sua grade, tem de cumprir os créditos para optativas livres. Você pode fazer em vários lugares. Eu fiz matéria na Letras, no Instituto de Estudos Brasileiros, no MAC [Museu de Arte Contemporânea]. Tenho muito interesse na parte de arte. O MAC tem uma boa estrutura de salas de aula.

**O curso de Relações Internacionais é na FEA porque não tem prédio próprio?**

Ele inaugurou prédio próprio recentemente. Mas ainda não tem as aulas lá.

**Ao longo do curso você chegou a ter dúvidas quanto à escolha da carreira?**

Sim.

**Isso é comum?**

Muito comum. Relações Internacionais é um curso bem aberto, você não vai sair especialista em nada. Existe certa dúvida em relação a isso, vou ter uma formação geral, um pouco de Economia, um pouco de Direito, um pouco de Ciências Políticas, mas no final não vou ter uma formação especializada. Essa é a grande dúvida de todo mundo: o que vou fazer com tudo isso, todo esse conhecimento?

**Mas não foi essa formação o motivo de você escolher Relações Internacionais?**

Para mim foi bom porque eu queria isso, uma formação geral. Não tinha um foco, não tinha uma coisa que eu exatamente queria. Pude experimentar diferentes áreas.

**As dúvidas sobre a escolha da carreira foram em que época?**

Até o ano passado.

**Qual foi o divisor de águas?**

Quando você começa a trabalhar e vê a aplicação de todo aquele conhecimento teórico que tem na aula, fica muito mais claro. As duas coisas se complementam, a teoria e a prática. O estágio dá uma visão muito mais realista de tudo. Uma visão muito mais clara. Inclusive sobre o curso, seus objetivos, sobre o que você precisa estudar mais.

**Além das aulas, você chegou a ter alguma atividade na USP?**

Eu fiz muitas coisas. Nos primeiros anos eu me interessei muito pelas atividades na Cidade Universitária, participei do Centro Acadêmico, jogava vôlei, handebol, futsal, ia para os treinos. Também participei de vários grupos de estudo e grupos de extensão. Uma coisa bem legal, de que participei até viajar, é o grupo de extensão de Relações Internacionais que a gente formou. Estava no 3º, 4º ano.

**O que é esse grupo?**

É um grupo de extensão universitária focado em direitos humanos, principalmente da população de migrantes bolivianos na cidade de São Paulo. A gente fazia oficinas de arte, que misturavam também conhecimentos dos princípios básicos dos direitos humanos, em escolas públicas do bairro do Pari, bem conhecido pela comunidade boliviana que mora lá. Trabalhávamos esses temas com as crianças, com os estudantes. A questão da imigração latino-americana na nossa cidade é muito complexa do ponto de vista dos direitos trabalhistas. A questão dos direitos humanos, direito a educação, a serviços básicos de saúde. A gente fazia reuniões, mantinha contato com outras organizações, instituições como o Cami [Centro de Assistência ao Migrante].

**Você fez algum estágio?**

Fiz bastante estágio. Comecei no início do 2º ano na FEA, na área de pesquisa. Foi uma experiência breve, mas foi meu primeiro emprego. Era supercômodo, era no 1º andar, eu saía e já estava na sala de aula. Depois trabalhei em pesquisa de Sociologia com os professores do Cedec [Centro de Estudos de Cultura Contemporânea]. Trabalhava também com banco de dados, pesquisa de opinião. Depois, de junho de 2010 a março de 2011, fiz estágio na Secretaria de Relações Internacionais da Prefeitura de São Paulo.

**O que você fazia na prefeitura?**

Trabalhava com recepção de delegações, qualquer assunto de relações internacionais. Se vem alguma autoridade de outro país para

São Paulo, isso passa pela Secretaria de Relações Internacionais. Também trabalhei com projetos de cooperação internacional.

**E depois?**

Em março de 2011 consegui um intercâmbio na Universidad de la República, em Montevideo, e fui para o Uruguai. Fiquei lá um semestre letivo.

**Esse intercâmbio é em convênio com a USP?**

A USP tem muitos convênios de intercâmbio. A Universidad de la República faz parte de um convênio de cooperação entre universidades do Cone Sul chamado Associação de Universidades Grupo Montevideo. Dão bolsa e você pode estudar em universidades do Cone Sul. Já tinha participado de um congresso de extensão em Montevideo, conhecia o lugar, a universidade, tinha gostado, acabei optando por Montevideo mesmo.

**Como foi essa experiência?**

Foi ótima. Não só acadêmica, mas como experiência de vida, cultural. Morei na residência estudantil lá. Eram seis intercambistas e mais 30 uruguaios.

**O que você fez quando retornou?**

Enquanto estava em Montevideo postulei bolsa do Programa de Fortalecimento da Função Pública na América Latina, oferecido pela Fundação Botín, da Espanha. Ela é financiada pelo banco Santander. A bolsa é bem específica, para um curso de dois meses e meio. Fui selecionada e viajei no segundo semestre de 2011. A primeira semana do curso é nos Estados Unidos, na Brown University [em Providence, Rhode Island]. Os outros dois meses foram na Espanha, em vários lugares. Mas a maior parte do curso foi em Madri.

**Como é esse curso?**

São 40 bolsistas selecionados da América Latina para fazer o curso. Visa à formação de jovens profissionais para a administração pública, serviço público. Tem aulas, palestras com personalidades políticas importantes, visitas com sentido histórico. Não ficamos só na Espanha. Fomos a Bruxelas conhecer o Parlamento Europeu. Também conhecemos o Congresso na Espanha, a cidade do Santander, onde fica a sede do banco. Foi bem interessante.

**Ao voltar você retomou o curso na USP?**

Voltei este ano. Antes de viajar para a Espanha, nos dois meses que fiquei aqui depois de Montevideo, eu tinha me candidatado a uma vaga de estágio na OEA [Organização dos Estados Americanos], em Washington. Mande os documentos, preenchi os formulários, como se fosse um processo seletivo para trabalho. Fiquei sabendo que fora aprovada quando ainda estava na Espanha. Ao terminar o curso em Madri vim para cá, fiquei 10 dias e fui para Washington.

**O que você fazia nesse estágio na OEA?**

Eu trabalhava na Secretaria de Assuntos Políticos. Basicamente, a função desse departamento é monitorar, prestar auxílio, fazer contato com os governos de países cujas instituições estejam em crise ou que tenham certa instabilidade política que possa gerar instabilidades institucionais e democráticas. O meu supervisor direto era chefe das missões especiais, muito focado na missão que a OEA tem na Colômbia, que se chama Missão para Apoiar o Processo de Paz na Colômbia (Mapp/OEA), que presta auxílio às vítimas dos conflitos e atua também no processo de desar-

mamento, de desmobilização das guerrilhas. Trabalhava bastante nessa parte. Trabalhei também com a Venezuela, as eleições na Venezuela.

### **Você foi à Colômbia e à Venezuela?**

Não. Fazia o trabalho em Washington, na sede da OEA. No caso da Colômbia era uma coisa bem intensa, eu tinha de acompanhar as notícias nos principais jornais colombianos, diariamente. Fazia um informe político depois. Durante quatro meses eu estagiei na sede da OEA. Quando estava lá fiquei sabendo do processo seletivo para estágio na Missão Permanente do Brasil junto à Organização das Nações Unidas. Tinha um colega da faculdade que estava estagiando naquela época. Ele mandou um e-mail, eu me interessei, me inscrevi e fui selecionada. Justo quando acabou o estágio na OEA, em maio passado. Emendei um estágio no outro e mudei para Nova York, onde fiquei três meses. Voltei há 10 dias.

### **Como foi seu trabalho na ONU?**

Um pouco diferente da OEA, onde eu trabalhava na própria organização. Na Missão os estagiários são divididos por áreas. Minha área era a 3ª Comissão da Assembleia Geral. É a comissão de direitos humanos, temas sociais e assistência humanitária. O trabalho é mais focado no governo. Trabalhava em prol dos interesses do Brasil. Era muito mais uma discussão centrada na negociação política, na representação do governo. Não trabalhava diretamente com os projetos já desenvolvidos e implementados. Mas foi muito interessante, eu ia quase todo dia à ONU, há muitas reuniões acontecendo diariamente lá. A função dos estagiários é participar dessas reuniões e fazer relatos sobre os principais pontos discutidos, opiniões dos outros, em que cada país tem interesse ou não. Com base nisso a gente faz um documento que é enviado ao Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, e recebe instruções sobre a posição que o Brasil tem de tomar nessas discussões.

### **Neste último ano no curso de Relações Internacionais, qual é o maior desafio, sua maior preocupação?**

Este semestre eu voltei focada em completar minha formação. Agora preciso me formar. Tenho objetivos a curto prazo, fazer mestrado no exterior. Tenho interesse em obter duplo diploma com universidades de outros países. Duplo mestrado, um ano em cada universidade. Tem um programa de duplo mestrado que é com a Columbia University. Também pensei na Universidade de Tóquio. Mas ainda não decidi. Está em aberto. Preciso me focar nos estudos.

### **Em que área, o mestrado?**

Pretendo fazer mestrado e também MBA em políticas públicas, administração pública. Tenho experiência nessa área de governo. Ainda não tenho certeza, mas desenvolvimento regional, cooperação internacional, coisas assim.

### **Relações Internacionais tem TCC, o Trabalho de Conclusão de Curso, para se formar?**

No curso da USP não. É só você cumprir o crédito no final. Mas o que eles dão bastante incentivo é para você fazer uma Iniciação

Científica. Eu preciso trabalhar mais a parte de pesquisa. Talvez até o final do ano publicar, visando o mestrado. É uma coisa bem importante no processo seletivo dos mestrados nos Estados Unidos. Além da parte profissional, eles também veem muito a parte de produção acadêmica. Este semestre é mais estratégico para saber o que está faltando.

### **Qual é a perspectiva do formado em Relações Internacionais?**

O curso de Relações Internacionais proporciona uma formação básica. As pessoas que eu vejo trabalham em muitas coisas diferentes. É bem flexível. Tenho companheiros que trabalham em ONG, governo, prestam concurso no Itamarati para serem diplomatas. É um curso que oferece uma formação bem ampla para você depois escolher seu caminho, buscar uma formação mais focada.

### **Aqui no Brasil tem mercado para o profissional de Relações Internacionais?**

Acho que é um mercado que vem crescendo bastante nos últimos anos. Qualquer governo, qualquer empresa, qualquer ONG de porte médio busca profissionais dessa área, que possam acompanhar o processo de internacionalização, de comunicação exterior. É muito importante hoje você estar conectado com o mundo, ter cooperação com outros governos, outros países, outras empresas. A tendência é cada vez mais de abrir e para isso são necessárias pessoas capacitadas, que entendam e possam contribuir para esse processo de internacionalização.

### **Quais as qualidades que uma pessoa deve ter para se dar bem nessa área?**

As pessoas, pelo menos nos cursos da USP, ficam com formações muito distintas. Em Relações Internacionais você precisa ter um interesse grande por diferentes culturas. E o domínio de idiomas é parte essencial do trabalho. Precisa ter a cabeça aberta de forma geral e ser muito flexível também para estudar diferentes coisas, ter diferentes experiências.

### **O que você pode dizer quanto a cursar Relações Internacionais?**

A pessoa que pensa em Relações Internacionais precisa primeiro se informar. Não fazer porque achou bonito no papel. O primeiro passo é se informar, conhecer pessoas que estão na área. Antes de decidir, eu fui assistir a aulas na USP para ver como era.

### **O que você aprendeu no Etapa que foi mais útil na faculdade e nos estágios?**

Eu acho que a dinâmica do Etapa, o sistema de provas com estudo contínuo, nos dão mais seriedade e disciplina para atingir objetivos, levando a sério o trabalho e o cumprimento de prazos. Outra coisa a destacar é a convivência com diferentes pessoas no colégio. Diferentes culturas, diferentes idiomas, diferentes hábitos e valores.

### **Hoje, de volta ao colégio, que recordação você teve?**

Foram tempos felizes, conhecia todas as pessoas, amigas, inspetoras, os professores também, muito legais. Deu saudades.